

Viva, amigo! Já parece outro!

UMA SEMANA NO IPO DO PORTO

A familiaridade é um afeto comum a todos os serviços de oncologia que contactámos. De norte a sul. O doente oncológico fica ligado para sempre à instituição que o trata. Os especialistas fazem parte da sua esperança de vida.

— Senhor doutor! Voltaram as dores...

Vítor Veloso, diretor do IPO do Porto, envolve a doente num abraço.

— Vamos já ver como está.

E logo outra doente se cruza connosco no corredor.

— Olá, menina! Essas cores rosadas melhoram dia a dia.

Esta menina tem mais de 60 anos. Aligeira os passos.

— Ah! sô doutor, estou a ficar mais rija, já não era sem tempo. As pernas ainda vão abaixo um bocadito.

Bons-dias chegam de todo o lado. As voluntárias dão apoio aos que aguardam a sua vez de consulta ou de tratamento. Um refresco, um chá, um copo de café com leite. Arranjam flores. Decoram as salas. As enfermeiras dividem-se por mil tarefas.

O IPO do Porto aposta, entretanto, na entrada em funcionamento da Unidade de Cuidados Continuados [1995], obra pioneira, apoiada pela Liga Portuguesa Contra o Cancro. Acolherá oito dezenas de doentes.

Rogério, distraído na cadeira de rodas. A enfermeira Lília Ferreira abeira-se dele. «Não é fácil lidar com estas situações, mas acaba por ser gratificante. Os doentes reconhecem que fazemos tudo para lhes proporcionar o maior conforto possível».

— Bom dia, senhora dona Fausta.

A cadeira (*transfer*) mergulha na banheira para Elisa Cabral e Fátima Pascoal darem banho à doente imobilizada.

— A senhora dona Fausta está hoje mais dorida.

— Não estejas práí com queixumes, ouviste?, quem faz queixas sou eu, não és tu.

Fausta, 70 anos, não perde a genica com que jogava à bugalha em miúda e ganhava a todos. É como se os bicos da noz lhe picassem os dedos para se sentir mais viva.

— Ainda não quero ir para o banho. Quem manda em mim é só o meu marido. Passamos por zonas de consultas externas. Salas cheias. A primeira consulta, também. Dia após dia. Gente de todos os estratos sociais. De todas as idades. Há gladiolos vermelhos e brancos numa sala recatada para as "urgências". Atendimento permanente. As "urgências" nos institutos de oncologia diferem das que decorrem nas outras unidades hospitalares. «São doentes do Instituto que estão em casa e, por um ou outro sintoma inesperado, vêm ter connosco», explica a enfermeira Conceição Vaz. «Esta manhã tem sido sossegada». Em média, aparecem por dia doze a dezasseis pessoas. Não tardou a juntarem-se meia dúzia.

— Senhora enfermeira, gostava de falar com o meu médico, por favor. Alguns seguram na mão o receituário que lhes está a ser prescrito. Se a razão da urgência implicar outro domínio, os doentes são encaminhados nesse sentido.

Sobrecarregada, a consulta de cirurgia, com um movimento cada vez maior. «Mais de uma centena de primeiras consultas por dia», informa a enfermeira Alzira. As consultas estão, entretanto, subdivididas por especialidades. E o Gabinete de Ensino existe para o doente encontrar apoio de imediato relativamente às suas perguntas. Às suas dúvidas. Às suas expectativas. Um sistema informatizado garante mais rapidez e eficácia no atendimento e no registo do processo clínico.

Na sala da hemodiálise, Maria, professora de Português, lê *O Perfume*, de Patrick Suskind. Vai ser operada. Sete doentes ligados às máquinas. Três a quatro horas por dia. «É preciso muito treino nesta área», garantem as enfermeiras Maria José Guerra e Esmeralda Nunes. «São doentes crónicos, que acusam algum cansaço, porque a vida deles depende deste tratamento», sublinha Alfredo Loureiro, diretor do Serviço de Hemodiálise do IPO do Porto. «Alguns trabalham e fazem a sessão à tarde». Vinte por cento dos doentes que são acompanhados por este sector têm doença oncológica associada, esclarece, entretanto, o especialista José Maximino.

Na Região Norte, há um défice de transplantes renais entre os 60 a 80 por cento [1995] – acentuam Vítor Veloso e Alfredo Loureiro. Os Hospitais de São João e Santo António respondem dentro das suas possibilidades. Os médicos do IPO do Norte mostram-se disponíveis para «esquemas de colaboração, que não têm nada que ver com a mera competição». O caminho, na opinião destes especialistas, passa pela complementaridade: «Somos um hospital de ponta, de portas abertas; podemos prestar serviços, em benefício dos doentes. Basta ganhar-se uma nova mentalidade».

— Senhor doutor, mais logo dá-me uma palavrinha?

Aceno afirmativo. Encontros a cada instante nos corredores que ligam as setenta salas de consultas. Andam-se quilómetros sem quase darmos conta. A «menina dos olhos» de Vítor Veloso é a Unidade de Transplantes da Medula. «Remodelámos tudo. Há muito tempo que ansiava por esta melhoria, que reclama tecnologia altamente diferenciada, logo a começar pelas instalações. Nenhum microrganismo pode contactar com este espaço. Dispomos de oito camas, uma capacidade para responder ao Norte e ao Centro e a outras emergências». Não disfarça um certo orgulho: «Somos os pioneiros do Banco de Sangue do Cordão Umbilical».

— Viva, amigo! Já parece outro!

— O senhor doutor pode dar-me um minuto de atenção?

Mão sobre o ombro de quem procura apoio. Nada se compara a essa ajuda.

Ignorância não cura



A repórter com o cirurgião Diamantino Gomes:

«Um doente informado é um doente aderente. Ignorância não cura».

(Fotografia de Paulo Coutinho)

A vida num hospital são 24 horas diárias de ação. Horários revezados. Alguém permanece, a cada instante, disponível para o doente que vai tomar o medicamento; que precisa de cuidados especiais; ou que necessita apenas de esclarecer uma dúvida, de falar um pouco.

Diamantino Gomes, assessor do diretor clínico do IPO do Porto, diz que «um doente informado é um doente aderente. Ignorância não cura».

O esclarecimento, esse, deve respeitar o padrão psicológico e cultural de cada indivíduo. «Todo o tempo que se gaste junto de um doente nunca será inútil.» Diamantino Gomes tem essa longa experiência. Sabe escutar. Vai até ao fundo dos problemas. Aborda-os com sensibilidade. Uma técnica humanista que o bisturi da sua carreira de cirurgião lhe ensinou, também.

Fosse manhã cedo ou noite adiante, horas sem parar, tornou-se um companheiro da nossa equipa de reportagem. Afável, discreto. «Querem dar um salto à Unidade de Cuidados Intensivos?»

Voltamos à farda asséptica. Botas azuis. Avental e touca brancos. A enfermeira Elsa a coordenar um serviço delicado. «Se estiver aqui uma

criança, os pais podem acompanhá-la a tempo inteiro». Há duas unidades de isolamento. Um doente com respiração assistida. A anestesista Filomena observa os pacientes. Equipamento sofisticado, na ordem das centenas de milhares de contos. Se faltar a corrente elétrica, um gerador alternativo cumprirá a sua função. «A engenharia hospitalar tem muito que se lhe diga. Não basta perceber de arquitetura e construção civil. Deveria ser criada essa especialidade».

E, à noite, as equipas de enfermagem iniciam um turno das 22 às 8 e 30. Maria José Rato, 25 anos, com mais dois colegas, a cuidarem de 38 camas num piso. «Custou-me a adaptar, agora não penso sair». Rui Lopes, de 27: «Os turnos podem ser complicados a qualquer hora. Durante a noite, há doentes com medos maiores. Reclamam mais a nossa companhia».

Noutra manhã, um olhar à Hematologia. «A Dr^a Alzira é uma pesquisadora de grande craveira. Por mimo, a gente chama-lhe a *feiticeira das painelas*».

Diamantino Gomes equipara a medicina portuguesa «à mais avançada de todo o mundo; as oportunidades dos cidadãos é que não são iguais». Ao dizer isto, pretende significar que «o País carece sobremaneira de estruturas de saúde nas regiões do interior». Quanto à oncologia, não hesita em considerá-la «ao mesmo nível da Europa desenvolvida; além dos institutos e dos hospitais gerais, existem núcleos oncológicos em pequenas unidades hospitalares que realizam um trabalho primordial».

Até finais de 1994 previa-se a instalação do sistema Telematic, que permitirá uma articulação mais eficiente entre o IPO, os centros de saúde e os núcleos regionais. «Na saúde não podem existir quintas isoladas. A formação oncológica dos clínicos surge na linha das prioridades. Precisamos de promover cada vez mais o ensino de oncologia dentro dos próprios institutos. A grande aposta na luta contra o cancro passa pelo clínico que trabalha junto das comunidades e deve estar preparado para um diagnóstico diferenciado». Depois, há ainda a permanente atualização do oncologista, uma área em mutação constante. «O VAC (valor acrescentado ao conhecimento) reclama um espírito inovador, que nada tem que ver com a idade de uma pessoa». Diamantino Gomes não se cansa de acentuar: «É tão importante investir na educação para a saúde como no tratamento. Bem melhor será para o médico

vigiar pessoas saudáveis, prevenindo uma ou outra enfermidade, do que confrontar-se com situações dramáticas».

Fala sem pressa. Sente o que diz. Rotário convicto. Um rosto aberto aos outros. Oferece-nos um livro: *O Desafio da Normalidade*, de José Maria Cabral. Testemunho impressionante de um colega médico do IPO do Porto, a quem o cancro armou a cilada, num diagnóstico de acaso. «O Zé Maria é um ser humano fantástico».

Até amanhã, Dr. Diamantino, às 7 e 30.

© MARIA AUGUSTA SILVA